



CORPO E JUVENTUDE: O BAIRRO TAMARINDO EM SOBRAL-CE E O TERRITÓRIO DA VIOLÊNCIA¹

BODY AND YOUTH: THE NEIGHBORHOOD AND THE TERRITORY OF VIOLENCE

CUERPO Y JUVENTUD: EL BARRIO DE TAMARINDO EN SOBRAL-CE Y EL TERRITORIO DE LA VIOLENCIA

Nilson Almino de Freitas²
Clarisse Mendes de Sousa³

RESUMO

O artigo acompanha algumas narrativas de moradores do bairro periférico, conhecido como Tamarindo, na cidade de Sobral. Estes moradores são parentes consanguíneos, ascendentes de jovens envolvidos com grupos em conflitos com a lei, assim como em disputa de território com grupos rivais. As fontes orais falam do modelo de ocupação territorial no bairro Tamarindo por parte de jovens do local e de regiões vizinhas. As reflexões pensam sobre o território, identidade e conflitos. Os discursos registrados de seus familiares falam de corpos jovens como construção identitária produzida e reproduzida no interior de espacialidades, entendidas como opostas no bairro. Estes familiares são moradores que vivem estas experiências, de forma indireta e que são muito afetados por serem avós, pais e mães destes jovens em conflito.

Palavras-chaves: violência, identidade, juventude, território e violência

ABSTRACT

The article accompanies some narratives of residents of the peripheral neighborhood, known as Tamarindo, in the city of Sobral. They are consanguineous relatives, ascendants of young people involved with groups in conflicts with the law, as well as in territory dispute with rival groups. From these oral sources, the article reflects on how they talk about the model of territorial occupation in the Tamarindo neighborhood, by young people from the area and neighboring regions. Reflections think about territory, identity and conflicts. The bodies of young people are involved in the recorded discourses of their families, based on an identity construction produced and reproduced within spatialities, understood as opposites in the neighborhood. It is shown how complex the relationships involving violence to youth and territory are, from the perspective of residents who live these experiences, indirectly and who are greatly affected by being grandparents, parents and mothers of these young people in conflict.

Key words: violence, identity, youth, territory and violence

1 Texto resultante da revisão do Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais de Clarisse Mendes de Sousa, somada às contribuições do professor Nilson Almino de Freitas.

2Professor da área de Antropologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA/Sobral-CE, Docente do quadro permanente do Mestrado Acadêmico em Geografia da UVA – MAG, Pesquisador Associado do Pós-doutorado em Estudos Culturais do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

3 Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.



RESUMEN

El artículo sigue algunas narraciones de residentes del barrio periférico, conocido como Tamarindo, en la ciudad de Sobral. Estos residentes son parientes consanguíneos, antepasados de jóvenes involucrados con grupos en conflicto con la ley, así como en disputa sobre territorio con grupos rivales. Las fuentes orales hablan del modelo de ocupación territorial en el barrio de Tamarindo por parte de jóvenes de las regiones locales y vecinas. Las reflexiones piensan sobre el territorio, la identidad y los conflictos. Los discursos registrados de sus familiares hablan de cuerpos jóvenes como una construcción de identidad producida y reproducida dentro de espacios, entendidos como opuestos en el vecindario. Estos familiares son residentes que viven estas experiencias, indirectamente y que se ven muy afectados por ser abuelos, padres y madres de estos jóvenes en conflicto.

Palabras clave: violencia, identidad, juventud, territorio y violencia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O artigo busca promover uma reflexão sobre as impressões dos familiares de jovens envolvidos com o uso de drogas ou em conflito com a lei, assim como sobre as compreensões que elaboram acerca das práticas corporais violentas de seus parentes jovens do bairro Tamarindo, na cidade de Sobral (Ceará), analisando as conexões sociais promovidas por estes conflitos e tensões, a partir das narrativas dos familiares selecionados para as entrevistas. Esse recorte se construiu a partir de pesquisa de Iniciação Científica realizada em 2014. Se refere a esta temporalidade e espacialidade sem pretensões de criar generalizações que transcendam este tempo e espaço, mas também sem abrir mão da reflexão teórica, especialmente sobre a relação entre território, violência, identidade, juventude e corpo.

Muitas mudanças ocorreram no momento contemporâneo, criando novas dinâmicas e conflitos, como os que envolvem facções criminosas e têm ramificações em todo o país. Mas é interessante se prender a esta temporalidade de forma mais atenta, até para constatar como a lógica atual, de 2019 pode ter incluído conflitos e tensões já existentes, sem deixar de considerar que é um ponto de vista de familiares, não dos diretamente envolvidos nas ações conflituosas, o que tem implicações metodológicas que vão ser melhor discutidas adiante. Em 2014, para os moradores, o “Tamarindo” já era conhecido como bairro, mas na delimitação oficial da Prefeitura não era nomeado como tal, e sim parte do Centro da cidade.

O título do projeto de Iniciação Científica que deu o suporte para este artigo era “Cidade, bairros e memórias: percepção espacial e história da cidade de Sobral CE contada por seus moradores”, sob a orientação do professor Nilson Almino, coautor deste artigo. O referido projeto tinha objetivos mais amplos que buscavam registrar as percepções que os moradores de bairros periféricos possuem da cidade de Sobral, abordando os diferentes sentidos que esses sujeitos atribuem ao espaço, para assim enriquecer a versão do patrimônio cultural de Sobral,



abordado pelos livros de história local, que ressaltam somente uma visão de opulência e pioneirismo dos habitantes da cidade. As experiências e achados desta atividade estimularam a pensar o recorte temático ora proposto que acabou sendo abordado, de certa forma, na monografia de final de curso de uma das proponentes deste artigo⁴.

No percurso de pesquisa, o Tamarindo se apresentou como um espaço de integração e, ao mesmo tempo, disputa territorial, no sentido de que os moradores se agregam a determinados recortes espaciais e assim realizam subdivisões dentro da região entendida por eles como bairro. Os jovens, especialmente os que são usuários de drogas, aparecem no discurso de alguns moradores do bairro associados a comportamentos inadequados que comprometem a boa convivência no local. Diante desses discursos, os pesquisadores tiveram maior interesse pela compreensão de narrativas que falam do território ocupado pela juventude naquele espaço, a partir da perspectiva de seus familiares.

Entende-se aqui que as relações sociais não são resultados exclusivos de transformações materiais e funcionais dos espaços. São também resultantes da negociação cotidiana de códigos, que dão sentido particular ao processo de construção de territórios apropriados por determinados grupos que delimitam fronteiras, que se apresentam rígidas na perspectiva deles, mas que, de fato, são resultantes de tensões que provocam a necessidade de defesa de suas fronteiras, gerando a violência. Logicamente que esta violência não é de responsabilidade exclusiva dos agentes envolvidos. É também repercussão das diferenças sociais, da truculência do aparato de segurança pública do Estado que, munido de preconceitos, entende que a repressão brutal é a única maneira de solucionar um problema gerado pelo pânico moral⁵ que acomete a estruturação das relações sociais. Entende-se aqui as tensões internas do bairro como consequências das injustiças sociais existentes na sociedade brasileira. É uma forma de demonstração de força e defesa do território que os moradores agenciam.

Portanto, junto com o uso de drogas no bairro, havia a dimensão do conflito e da violência envolvendo os jovens daquele espaço e de outros bairros de Sobral. Dentro do próprio bairro, as disputas pelo território estão presentes. Percebeu-se que seria importante compreender o sentido dado pelos moradores às práticas violentas frequentemente ocorridas

4 A monografia referida é a de Clarisse Mendes de Sousa que teve como título “Ética, instituições sociais e usuários de drogas: a produção de sentidos sobre o uso de drogas com usuários do bairro Tamarindo em Sobral/CE” em 2014 e serviu como Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, tendo como orientador o professor Nilson Almino de Freitas.

5 Este conceito vai ser melhor discutido mais a frente neste artigo.



naquele bairro. Desse modo, decidiu-se incluir neste artigo algumas impressões dos familiares dos jovens envolvidos com o uso de drogas, reflexões deles e delas sobre o espaço, compreensões sobre corpo, a identidade e a violência, e relacioná-las com a dinâmica espacial do bairro e com a juventude, a partir destas percepções. As entrevistas foram realizadas com as famílias dos usuários pelo fato de, naquele momento, os jovens que foram indicados estarem presos, alguns por práticas de assaltos e outros por homicídios. Foram cinco entrevistas cedidas e autorizadas a partir de Carta de Cessão de Direitos destinadas ao Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME, arquivo público de documentos especiais da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA⁶.

Os moradores foram os principais intermediadores e colaboradores no processo de identificação dos entrevistados nessa pesquisa do Tamarindo. Por meio deles, os pesquisadores começaram a identificar esses jovens e localizar seus familiares. Eles também relataram sobre a história do bairro e descreveram a respeito da juventude e das práticas violentas. Esses narradores não possibilitaram a intermediação com nenhum dos jovens, mas foi com essas descrições que os pesquisadores se interessaram pela questão, perceberam o ponto de vista deles sobre a juventude do bairro e começaram a procurá-los na Estação Juventude, entidade conhecida na caminhada pelo bairro.

A Estação Juventude foi inaugurada pelo Prefeito Clodoveu Arruda, conhecido como Veveu (gestão 2012/2016 pelo PT, coligado com vários partidos), em outubro de 2013⁷, no “Bairro” Tamarindo, para oferecer atendimento à juventude e ampliar o acesso de moradores de 15 a 29 anos às políticas e programas, tentando assegurar os direitos de cidadania, inclusão e participação social desse segmento da sociedade. A importância de falar desta instituição aqui se deve ao fato dela estar situada em um ponto de conflito de gangues, entre Tamarindo e bairros vizinhos, principalmente com a área denominada pelos moradores de “Pintolemos”. Ela não teria esta finalidade, logicamente, pois se define como uma importante política pública de inclusão social dos jovens em situação de pobreza. Talvez, em outro momento, poderíamos discutir se é eficaz nos seus propósitos. O fato é que este espaço acaba sendo usado como campo de disputa entre grupos rivais. Vale a pena iniciarmos nossa reflexão por uma discussão sobre a ocupação do espaço e os conflitos gerados pelos diferentes agentes envolvidos nesta iniciativa

6 Para que possa conhecer melhor o LABOME, o leitor pode acessar a página www.uvanet.br/labome.

7 Esta informação pode ser confirmada no site: <http://blogdoeliomar.com.br/2014/03/07/267791/>.



de delimitação do território, a partir do que falam os familiares dos jovens em conflito com a lei. Inicia-se aqui pela discussão metodológica.

ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Nesta pesquisa, não se abriu mão de usar a Estação da Juventude citada como ponte da pesquisa. Por indicação do articulador da Estação Juventude os pesquisadores procuraram dois jovens que moravam próximo; mas, logo o articulador lembrou-se que um deles se mudara para outra cidade e o outro estava preso. Então, pensamos ser importante falar com as mães dos mesmos. Uma delas indicou os pais de outro garoto que fora preso junto com o filho dela. O pai indicado se disponibilizou a dar entrevista e sugerir contato com outra família que tinha um filho também preso. Assim as entrevistas foram realizadas somente com os familiares desses jovens. Mas foi possível compreender as impressões dos familiares sobre a relação dos jovens com o bairro e com as práticas violentas. Estas entrevistas foram enriquecidas das anteriores, com outros moradores do bairro e que tinham outra finalidade, conhecer história do local e dinâmicas cotidianas dos moradores. Não tivemos a ilusão de que os familiares expressariam impressões comuns àquelas que jovens envolvidos com práticas criminosas poderiam narrar. De fato, sabíamos que isso não seria possível. Mas, diante do tipo de experiência que tivemos no bairro, acabamos sendo levados a este tipo de fonte que é carregada de determinadas percepções morais e políticas sobre a relação entre jovens, violência e territorialização, que fazem parte do ambiente pesquisado e encontram-se em tensões com outras percepções e reflexões, inclusive, possivelmente, com a dos jovens envolvidos com estas práticas de espaço em conflito. A moral e a política que aparecem nos depoimentos, revelam ambiguidades próprias do tipo de relação social aqui em destaque. Ao mesmo tempo que criticam atos criminosos, omitem responsabilidades e revelam suas subjetividades no envolvimento dos acontecimentos. Portanto, não seria um acidente indesejado metodologicamente o encontro com os parentes dos jovens envolvidos com atos infracionais. Foi um achado, porque permite abordar a questão de um ponto de vista que mostra tensões entre o que seria certo ou errado para aqueles que não são os “acusados”, mas que têm vínculos fortes com os jovens entendidos pelo Estado como infratores.

Diante disso, entende-se que as descobertas da investigação são permeadas pelas teias de contatos que os pesquisadores fizeram ao longo das caminhadas quase que diárias pelo bairro, envolvendo a relação entre eles e os sujeitos pesquisados. Estas caminhadas começaram em 2012 e se estenderam até final de 2014, quando um dos articulistas defendeu sua monografia de final de curso, já citado aqui. Em 2019, entendeu-se que a reflexão feita neste tempo deveria



ser retomada, por compreendermos a experiência de pesquisa da época como significativa para que outros autores e publicações possam enriquecer e atualizar com as questões abordadas, do ponto de vista teórico e metodológico, neste contexto. Como já dito, sabe-se de antemão que houve mudanças, mas é importante saber como as coisas aconteciam naquele tempo, para se ter parâmetros de comparação e se pensar como se deram as transformações.

A oralidade, entende-se aqui, vem como uma forma de comunicação. Isso quer dizer que não é possível adotar o que foi dito como uma informação precisa ou fato. São versões situadas no tempo e no contexto de interlocução. O entrevistado elabora sua fala direcionada para alguém, com base em certos interesses acionados no momento da narração. A lembrança é seletiva e elaborada por valores morais e uma posição específica sobre o assunto abordado. Nem todos concordam entre si, revelando tensões e conflitos de opinião. Como chama atenção Portelli (2010), a oralidade fala mais de significados do que de eventos. Ela lança novidades sobre tempos e espaços, mas fala também do que gostaria que fosse o acontecimento, o significado subjetivo dele e o que pensa fazer diante do evento. O esforço do narrador é criar um postulado do sentido da existência narrada, como lembra Bourdieu (2000). Subjetivamente, o narrador constrói uma lógica retrospectiva e prospectiva, tentando dar consistência e constância para tornar inteligível a narração.

Como diria Veyne (1998), o fato sempre vem acompanhado de sua trama. A comunicação tem um contexto que proporciona um direcionamento da narrativa. O falante, além de dizer alguma coisa para alguém, se expressa em um determinado ambiente, com um equipamento de captação específico. O falante também pode estar sendo afetado por suas experiências recentes e passadas, quando seleciona o que quer dizer. O discurso produzido na entrevista, portanto, é uma “invenção”, no sentido criativo do termo, construída no presente e no contexto de comunicação. É um ponto de vista sobre a história narrada.

Na perspectiva de Benjamin (1994), as narrativas são uma maneira de intercambiar experiências. O narrador é o criador de suas experiências cotidianas, havendo em seus discursos aspectos voltados para seu contexto de vida pessoal e espacial. As narrativas são elementos para pensar a vida dos sujeitos e da cidade como um todo e nesse sentido elas se converteram na metodologia dessa pesquisa.

Essa metodologia é um processo de aproximação da própria teia de contatos que os jovens possuem no bairro, já que as indicações que foram sendo feitas, a partir da Estação Juventude, levaram os pesquisadores a diversos moradores que são próximos desses jovens, os quais descrevem detalhadamente sobre as práticas do grupo, mostrando que mesmo não sendo coniventes com as práticas desses jovens e não pensando igual a eles, não estão distantes do



que eles fazem, nem suficientemente perto para serem confundidos como um deles. Esses moradores são pai, mãe, avó e outros, que mantêm outro tipo de relação com os jovens, mas tentam permanecer fora da criminalidade. Nesse caso, as narrativas contadas falam das práticas destes jovens do ponto de vista de seus familiares.

Apesar da cessão de direitos de uso de suas entrevistas, optou-se aqui por usar nomes fictícios para identificar os entrevistados, em decorrência da ligação de seus familiares com práticas ilícitas, preservando as integridades física e moral deles.

ESPAÇO, LUGAR E TERRITÓRIO: TENSÕES NO BAIRRO TAMARINDO

A região do Pintolemos é considerada rua ou até bairro para os diferentes moradores e possui pontos distintos de demarcação, dependendo de quem fala. No mapa de Sobral, essa é uma rua localizada no bairro Centro com o nome de Pintor Lemos. Apesar de ser predominantemente comercial, possui mais de 200 domicílios. Entretanto, o que se torna marcante para os moradores é a divisão marcada pelas gangues. Portanto, o Pintolemos aparece como zona de conflito e disputa, refletindo sobre a identidade do bairro e seus moradores e fomentando disputas territoriais.

As narrativas registradas pela pesquisa tendem a mostrar que a identidade e articulação com um território delimitado podem ser pensadas como desejo. Deleuze (1997) entende o conceito de desejo como agenciamento de um conjunto de elementos que constituem o contexto do objeto supostamente referente. Não se deseja uma identidade ou uma história, ou ainda um bairro, mas uma série de elementos que formam um conjunto relativo ao lugar, à posição, ao interesse e à imagem que estão “ao redor” do “ser” desejado e o reforçam. Para que um grupo de jovens possa sustentar suas prerrogativas imperativas sobre o seu espaço apropriado, o lugar próprio passa a ser fundamental para justificar suas ideias e ações. De fato, é um lugar desejado, articulado ao espaço físico, fundado em uma história e experiências próprias também desejadas. Não se almeja ser do “Pintolemos” ou do “Tamarindo”. Mas sim, de um lugar que o “ser” imaginado viria a ocupar no conjunto da sociedade mais ampla, a sua posição diante dos “outros” e a imagem que esse pode projetar para “todos” aqueles que o veem. O que complica mais essa construção é o fato de esses elementos que estão “ao redor” serem também objetos que compõem outros conjuntos maiores desejados, como o “sobralense”, o “jovem”, o “morador da periferia”, ou o “nordestino”, ou ainda, o integrante da gangue ou, em tempos mais atuais, da facção criminosa. Isso cria uma confusão aos olhos daqueles que pretendem entender a invenção da identidade coletiva e a relação com o território, pois se espera destes conceitos



algo mais sólido, com fronteiras precisas. Para esta demarcação e defesa de fronteiras no território, usa-se dos instrumentos mais variados, inclusive a violência.

O bairro, portanto, não é um espaço físico somente, visto em suas formas e funções, mas um lugar demarcado, resultante de conflitos e tensões entre usuários diversos que nem sempre consolidam relações afetivas de proximidade e admiração entre todos os moradores. O “ir” e “vir” da rua é controlado por práticas de determinados segmentos de moradores que ocupam o espaço com o uso da violência ou estabelecendo regras de conveniência, ditando o que se deve ou não fazer. Como nos ilumina Certeau (1994), o espaço é o conjunto de movimentos que se desdobram, construindo unidade polivalente que apresenta programas sustentados em conflitos ou de proximidades contratuais. Ao mesmo tempo, no espaço procura-se uma ordem que se constitui por relações de coexistência, criando propriedades a um lugar que o distinguem dos demais. No espaço, procura-se um lugar que seria uma configuração instantânea de posições, indicando estabilidade. Este movimento ambíguo e contraditório não gera estabilidade absoluta, mas sim, relacional. Isso quer dizer que, na medida que se consegue construir uma engenharia política e moral por meio de instrumentos que variam entre afetividade e violência, que mostram poder e estabelecem no espaço um lugar próprio, a esta propriedade só é possível ter continuidade se respeitar a dinâmica instável do espaço, flexibilizando o uso dos elementos usados para consolidar uma especificidade para o lugar, de acordo com o movimento que acontece na rede espacial criada na cidade. O espaço está contido em dinâmicas mais amplas, o que impede uma estabilidade permanente.

Outro elemento que complexifica a dinâmica espacial é a presença marcante do meio técnico-científico-informacional, como sugere Santos (1994). Este meio nos permite hoje conviver com ideias de segmentos sociais de lugares diversos, apesar de tentar provocar, com a força do técnico, em comum acordo com o poder público e o aparato jurídico, uma unidade. Entretanto, as narrativas e agências dos diferentes sujeitos que constituem as dinâmicas espaciais são inúmeras e misturadas, inclusive ressignificando as orientações e imposições de códigos do meio técnico-científico-informacional, sendo acionada ao modo do usuário.

Neste aspecto, os diferentes usos do espaço se contrapõem em alguns momentos, mas, ao mesmo tempo, se afetam e dificultam tentativas de se recortar fronteiras muito precisas entre quem somos “nós” e quem são os “outros”. Esta dificuldade, reação e readaptação, que propõe o meio técnico-científico-informacional só é possível ser visualizada no cotidiano, como afirma Santos (1994). Para o autor, o tempo do cotidiano compartilhado é o tempo plural ou tempo



dentro do tempo. Afirma também que é exatamente no lugar e no cotidiano que o teatro obrigatório das ações ganha o domínio da liberdade.

É no lugar e no cotidiano onde se encontra a multiplicidade de perspectivas, de coisas e de ações na dinâmica espacial. O morador do “Pintolemos” ou do “Tamarindo” percebe esta liberdade e, com o uso da violência, tenta buscar reconhecimento no “seu mundo” permeado pela pobreza e certo abandono do poder público que cria políticas compensatórias tentando amenizar os problemas decorrentes da escassez de recursos materiais. A Estação da Juventude é um exemplo disso.

Os jovens são multifacetados no espaço do bairro e assim a família e outros moradores têm diferentes discursos em relação a eles. Essa situação mostra que eles possuem uma rede de sociabilidade dentro do bairro, permitindo o estabelecimento de conflitos identitários e conflitos com seus pares.

Na relação entre jovens, usuários de drogas e violência, Piccolo (2003) afirma que os usuários compartilham valores e visões de mundo, porém não formam um grupo homogêneo e uniforme, havendo entre eles heterogeneidade e complexidade. Assim, não tem como pensar esses jovens exclusivamente como usuários de substâncias proibidas, nem como gangueiros, assassinos, etc, mas como sujeitos que estão em interação com os outros nas mais diversas relações. Podem até não estar inseridos em determinados espaços sociais, mas estão, em seu cotidiano, relacionados com seus pares numa interação, algumas vezes de conflito, mas também em interação pacífica e protetora. A disputa pelo território abriga esta ambiguidade: conflito e proteção.

O bairro Tamarindo contém categorias heterogêneas de jovens. O uso de drogas ilícitas não necessariamente é propiciador de uma identidade marginal, na perspectiva dos moradores entrevistados. Embora alguns jovens usuários tenham como ponto em comum o uso de tóxicos, há diversas descrições feitas pelos moradores em relação a eles: o usuário assaltante, o usuário protetor, o usuário caracterizado pela sua mãe como tolo, pelo fato de considerá-lo inteligente, mas ter se envolvido facilmente com drogas, além de caracterizações que os classificam como pessoas amigáveis e possuidoras de muitas influências para com seus pares.

Diante disso, os discursos de alguns moradores propiciaram apreender um pouco de suas compreensões sobre o espaço, sobre o modelo moral de conexões interpessoais, a construção da identidade juvenil e o bairro que é um elemento importante para entender as práticas desses jovens.



Na perspectiva de Dayrel (2004), o local em que os jovens vivem determinará em parte os limites e as possibilidades para construir a sua condição juvenil, considerando a vida dura e difícil nas camadas populares e aliando a condição da pobreza à formação da condição juvenil. Nesse sentido, para compreender sociologicamente qualquer questão que envolva os jovens, é necessário entender o espaço em que eles vivem em um processo de construção de identidade, entendida como desejo, baseada numa configuração espacial como produto de suas práticas, mas também como lócus para onde convergem essas práticas, subsidiadas pelas redes que formam o bairro. A condição cultural, social e espacial acaba tentando expressar uma determinada identidade juvenil que se cruza com outras identificações, na perspectiva de que eles tentam demonstrar uma maneira de ser e agir perante a vida, na qual são formados em diferentes esferas espaciais.

Apropriando-se da perspectiva de Dayrel (2004), há sociabilidade entre os jovens. Entretanto, esta pode ser construída em redes, que eles formam em um processo de socialização e de pertença a um território. Porém, é uma pertença que não se impõe como imperativo de homogeneização cultural. Nela também devem ser consideradas as individualizações dos sujeitos, caracterizando assim os moradores como sujeitos genéricos, mas também históricos que compartilham de valores societários, mas também têm uma história de vida única.

Pensar a sociabilidade significa pensar que os laços construídos entre os moradores do bairro são fluidos, provisórios e consolidados também com bases pragmáticas, visando ao aperfeiçoamento e à autovalorização, como chama atenção Simmel (1971). Há um investimento individual no sentido de autoafirmação social que tem estes laços como suporte. Para Simmel (2006), ao se encontrarem em reunião, as pessoas são orientadas por conteúdos resultantes de interesses e necessidades específicas. Esses conteúdos são as matérias das “sociações” que, por sua vez, são formas de estar com o outro e de ser para o outro, construindo a interação. Os impulsos, interesses, finalidades, tendências, condicionamentos psíquicos e movimentos são mediadores de relações, constituindo os conteúdos das “sociações”. Porém, são acompanhados pelo sentimento de satisfação por estarem socializados, ou seja, compartilham os valores da formação da sociedade como movimento construtivo cotidiano.

Machado Paes (2003) afirma que a cultura juvenil pode ser entendida como um conjunto de significados compartilhados e um conjunto de sinais específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo. Os significados compartilhados fazem parte de um conhecimento comum, ordinário e cotidiano. Acrescenta-se aqui o que o autor sugere, a dimensão do conflito, já que esta construção não é pacífica e não produz um consenso estável



todo tempo. Assim, os jovens devem ser estudados em seus contextos vivenciais, no conjunto das suas interações, que não são necessariamente pacíficas. Nestes contextos os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento sobre o mundo em que vivem, articulando com as formas específicas de consciência, pensamento, percepção e ação. As fontes aqui usadas, as narrativas de seus familiares, tentam mostrar esse movimento cambiante, mesmo que sejam formas de ver suas experiências mais ou menos “por fora” delas, já que não convivem rotineiramente com as mesmas práticas cotidianas, com as mesmas pessoas e serem de gerações diferentes. De fato, estamos trabalhando com uma “forma de ver” a experiência destes jovens. Não é uma explicação da experiência. O lugar de fala dos narradores é o de pais, mães e avós preocupados, da sua forma, com as dinâmicas de seus parentes mais jovens.

Outros conceitos importantes para entender o tema do território é o de bairro e de comunidade. Para Duarte (2002) o bairro e a comunidade são artefatos culturais construídos historicamente, de tal modo que unidade, solidariedade e dissenso resultam da ação humana de seus membros. Desse modo, a produção material e imaterial pertencem aos moradores do local e simbolizam a essência dos sujeitos que habitaram no lugar e também dos que ali residem. Nessa perspectiva, os moradores do bairro Tamarindo descrevem o bairro e sua história, vinculado à vida pessoal, na qual abordam as práticas vivenciadas em determinado tempo no local, tomando a época que chegaram e acontecimentos cotidianos como referência para começar a falar das transformações no tempo. Vale a pena agora viajarmos pelas narrativas de alguns moradores, pensando o ponto de vista deles sobre as dinâmicas culturais no bairro, as práticas dos usuários de drogas, a violência e a ocupação dos espaços.

NARRATIVAS E VIVÊNCIAS: O BAIRRO, OS JOVENS USUÁRIOS DE DROGA E A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO, SEGUNDO SEUS MORADORES

Os conflitos existentes no Tamarindo são uma produção humana e podem estar relacionados a diversos fatores que envolvem a dinâmica do bairro. D. Maria, avó de um dos jovens usuários do bairro, não separa o estilo de vida do neto do modo de vida do bairro em geral, fazendo uma conexão dessas práticas ilícitas dele com a própria ideia de “meio de sobrevivência” e de “lazer”, como a vida envolvida com as drogas é apresentada no bairro:

Aqui tá empestado, e a pessoa que é fraco cai na onda mesmo, quem for fraco. Quem for forte não. Mas o pessoal daqui só quer viver disso e aí botaram ele novinho, criança, que um menino de treze pra quatorze anos é criança. E a mãe também vivia nesses carreirão dela e aí pronto ajuntou tudo. (Entrevista realizada com D. Maria, dia 06 de junho de 2014).



Rafael, pai de um dos adolescentes que se encontrava preso pelo ato infracional de assalto e trabalha confeccionando calçados em casa para vender, também descreve a dinâmica do filho no espaço do bairro:

Ele desce lá pra baixo e fica o dia todinho na praça. Fica lá... Às vezes à noite eu chamava e ele vinha e tudo, e agora quer saber de uma coisa, eu não vou mais bater cabeça não. Eu não vou chamar não... Pronto. Ele vai na hora que quer. (Entrevista realizada com Rafael, dia 06 de junho de 2014).

A praça descrita pelo pai do garoto é um local de interação de boa parte dos jovens do bairro. Independentemente de serem usuários de drogas ou gangueiros é um ponto de encontro até mesmo em razão das relações de amizade que existem entre os jovens do bairro. Os pesquisadores conversaram com D. Violeta, que é uma das primeiras moradoras do bairro. Mora próximo de uma praça que é ponto de lazer dos jovens do bairro e em alguns momentos é também um ponto de conflito com os jovens do outro bairro. Nesse contexto ela tem convivência com muitos dos adolescentes e jovens que frequentam a praça. Além disso, ela afirma que seus filhos foram criados com alguns outros jovens do bairro e assim ainda mantém contato com os amigos de seus filhos. Ela falou sobre os jovens do bairro e sobre as práticas deles naquela praça, que também era um ponto de uso de drogas e de provocação das gangues vizinhas. Ela contou sobre o seu filho que estava chegando naquele momento da conversa e ia ao encontro dos colegas que estavam na praça, para cumprimentá-los.

Ela justificava a atitude do filho pelo fato de ele ter vivido a infância junto com aqueles garotos e que mesmo eles possuindo algumas práticas que seu filho não possui, ele sentia a necessidade de ir ao encontro deles. Em contraposição, o outro filho, que partilhava da prática do uso de drogas, não frequentava a praça, mas ela sabia que ele fazia uso de drogas em outros lugares. Relata que alguns amigos dela diziam vê-lo usando drogas em outros espaços da cidade que são destinados ao lazer e uso de bebidas alcoólicas.

A partir da descrição de D. Violeta, percebe-se a contradição que representam os espaços do bairro e o quanto as diferentes relações entre os sujeitos desmitificam as imagens que se tem dos espaços de lazer, como é o caso da praça onde se localiza a Estação da Juventude, que passa a ser vista como lugar de práticas criminosas das gangues vizinhas e uso de drogas. D. Violeta narra que diante dessas confusões, alguns jovens são sacrificados apenas pelo fato de estarem na companhia de alguns desses meninos marcados no bairro, mesmo que não sejam usuários de drogas.

Há uma coincidência entre os três narradores sobre a localização e a identificação da praça como zona de perigo. Existe também uma justificativa moral de como os jovens aderem



a práticas pouco aprovadas por eles, em função de sua pouca idade, vitimizando o jovem em função das influências do meio em que vivem. A praça simboliza o lugar próprio desta má influência. Logicamente que ela é apropriada para outras finalidades pelos moradores e pelo próprio Estado, inclusive algumas práticas não ilícitas, mas os narradores selecionados destacam estas características e a potencializam como se fossem fortes.

D.Violeta descreve o ato infracional que aconteceu quase na porta de sua casa, próximo à praça, com um jovem de 16 anos, que não tinha nenhum envolvimento com a criminalidade, mas pelo fato de estar ali, foi morto a tiros. Ela descreve que o rapaz tinha chegado da escola e estava sentado na praça junto com outros garotos. Vieram outros dois em uma moto e dispararam contra ele. Ela acredita que aqueles tiros não seriam para ele, mas uma forma de vingança por parte de outros moradores do bairro.

As narrativas indicam que os atos infracionais e as vítimas estão em um complexo que envolve parentesco, estereótipos e a própria condição de ser jovem e morar naquele território, tendo relação ou não com o uso de drogas. Nesse contexto de campo e delimitação, as áreas de fronteira aparecem como zonas de conflito e disputa, refletindo sobre a identidade dos bairros e seus moradores, onde os diferentes campos são formadores de personalidades diversas, embora compartilhando em alguns momentos de interesses semelhantes, mas também da formação de concorrências pelo domínio do lugar. Arantes (2000), chama atenção que a “guerra dos lugares” se fundamenta na definição de fronteiras simbólicas que separam, aproximam, hierarquizam grupos sociais. São fronteiras fluidas de territorialidades flexíveis. As zonas de contato criam o que os órgãos de segurança do estado poderiam chamar de “marginais”, ou, em termos conceituais, liminares. Para Turner (1971), a liminaridade é um tempo e um lugar de retiro dos modos considerados normais de ação social que pode ou não provocar períodos de exame e constituição de valores centrais da cultura onde ocorre. Acrescento que a “normalidade” das ações sociais é resultante de uma engenharia social permeada por relações de poder. O Estado acaba reproduzindo uma “ordem” que, nem sempre, é igualitária. Certamente, os jovens moradores do lugar que trata este artigo, são vítimas de injustiças sociais. Eles reagem contra a opressão, especialmente exercida por agentes de segurança. Ao mesmo tempo, é uma reação que implica na busca pelo domínio do território, criando a “guerra do lugar”. São ações que devem ser abordadas também no crivo da discussão sobre cidadania. Destacamos aqui somente um destes eixos relacionados a conflitos internos do lugar, mas não podemos nunca esquecer que este destaque é mais complexo e tem relação com contextos mais amplos, o que pode ser abordado em outros artigos.



Neste caso, voltados para uma escala que comporta os limites e disputas internas no lugar, entendemos que acontecem sob a óptica de uma identidade do que é ser morador de uma determinada área de Sobral. Está repleto de significação ser morador do Tamarindo para os jovens daquele bairro, onde o olhar do morador do outro bairro devolve a própria identidade do jovem daquela região, ressignificando-a como designando o “inimigo”. Essas construções de identidades em conflito convivem e caminham juntas aos jovens na cidade. O destino deles também é construído sob o olhar do outro. Alguns moradores associam as situações de conflito, classificando os envolvidos como “malucos” e “lombrados” do bairro. O termo “maluco”, para alguns, não está associado apenas ao uso de drogas, mas também a outras características físicas dos jovens, como às suas vestimentas, gestos e maneiras de falar.

Berenice, mãe de um adolescente que estava preso pelo ato infracional de homicídio, trabalha como costureira em uma fábrica da cidade de Sobral chamada Grendene. O outro filho de Berenice não se encontra em conflito com a lei, porém é marcado no bairro vizinho devido ao ato infracional de homicídio praticado pelo irmão. Em entrevista, ela lamentava a perda do documento de identidade do filho, o que dificultava a procura de uma escola para estudar, já que ele havia saído daquela que se localiza próximo a “Pintolemos”. O menino disse que não podia andar lá porque era do Tamarindo. Perguntou-se se a proibição era para todos os habitantes do Tamarindo e ele disse que era só para os “malucos” que usam tatuagem. Falou que se aparecer por lá uma pessoa qualquer da família de alguém que matou um de lá, poderia ser morto. E isso era justamente o caso dele. Ele tinha tatuagem e era irmão de um jovem que estava na Febem por ter assassinado outro do “Pintolemos”.

É nesse sentido que Soares (2004) afirma que a construção da identidade é necessariamente um processo social e interativo, havendo a participação de uma coletividade, e se dá no âmbito de uma cultura e no contexto de um momento histórico. Desse modo, o que esses jovens fazem não está distante do contexto histórico, social e cultural que constrói a nossa sociedade atual. As ações deles possuem uma configuração de significados que as fundamenta de sentido e também expressa um valor social para alguns grupos.

Para Soares (2004), a moda e a arma são recursos de poder, instrumentos simbólicos de distinção, valorização e pertencimento, calçam a identidade e aumentam a autoestima, selam o pacto de admissão ao grupo, bombeiam a autoconfiança. Assim, o autor dá um sentido para o ‘fetiche’ que a moda e os instrumentos ligados à violência representam para os jovens, e o quanto despertam valorização e poder para eles. Essa valorização e poder têm como instrumento o corpo, e quando se trata de violência é o corpo do outro, principalmente de outros jovens, aqueles que por alguma razão devem ser penalizados e sacrificados.



A violência está relacionada a um sistema de valores de determinado grupo e se manifesta no corpo. Desse modo, há uma sanção difusa entre os grupos, comumente classificada como briga de gangue ou facção criminosa, em determinados bairros. O corpo envolvido nesse sistema é que está em um conjunto de relações e interações sociais e que transita entre vários locais da cidade, mas também que está em situação de vulnerabilidade, considerando a lógica da penalidade, frente a delimitação dos bairros, porque apesar da maioria desses jovens serem considerados perigosos por parte de alguns moradores, eles são ameaçados e esperam, a qualquer momento, matar ou morrer. Constatou-se essa situação quando da entrevista da mãe de criação e avó de um dos jovens que se encontrava na Febem pelo ato infracional de homicídio. A entrevistada é Dona Maria, aposentada. Sua filha, mãe biológica do adolescente detido, também foi entrevistada para esta pesquisa e se declarou ex-usuária de drogas pesadas. Esse jovem e o filho da Berenice foram presos na mesma época. Os dois são vizinhos e praticaram juntos o ato infracional de homicídio. Foi uma briga entre três e os dois praticantes do homicídio conseguiram tomar a faca da mão do rival. Segundo Dona Maria:

Eu cheguei pra ele e disse: Meu filho porque que tu fez isso? Tão novo foi te prejudicar, eu tô decepcionada e você tem mais é que pedir perdão a Deus. E ele disse assim: Mainha, o que eu tenho pra lhe dizer é isso mainha: Que se eu não tivesse feito, ele tinha feito comigo. Pronto. Eu não quero mais saber de conversa não. Se eu não tivesse feito ele tinha feito comigo, pronto. Mas eu já fiz, vou pagar, mas eu vou pagar, custe o que custar. Se for dois anos, se for três, se for quatro, se for cinco, eu pago. Mas se eu não tivesse feito ele tinha feito comigo. (Entrevista realizada com D. Maria, dia 06 de junho de 2014).

O depoimento mostra que há uma relação de conflito entre os jovens dos bairros da cidade, e a identificação de seus corpos por grupos rivais. O bairro e seus determinados limites territoriais são os loci de tensão entre esses jovens. Esta tensão tem um significado e uma razão para eles, podendo ser até uma estratégia de defesa, controle e punição, como já se mostrou nos discursos anteriores, ou como uma maneira de vingança entre regiões vizinhas.

D. Violeta, ao descrever a relação desses meninos com a “Pintolemos”, disse que essa confusão vinha de muitos anos, ressaltou que começou mais ou menos vinte anos atrás, a partir de um conflito num salão de beleza, onde houve um homicídio envolvendo moradores de Tamarindo e “Pintolemos”. Assim, iniciou-se a vendeta entre familiares das vítimas. Um foi se vingando contra outros, passando assim para os mais novos. Perguntou-se por que os meninos vão para lá. Ela respondeu que alguns que não têm problema com eles vão comprar droga e assim passam uns para os outros. Estes, só vão para lá se estiverem muito “lombrados” para arrumar confusão.

Foucault (1999) afirma que o corpo é base de todas as relações sociais. O controle da sociedade sobre os indivíduos começa no corpo. A vigilância que é exercida sobre esses corpos



dá a eles importância, já que se vigia algo de valor. O poder adquire uma forma latente de se manifestar e assim se manifesta no corpo. As instituições corretivas e assistenciais são uma forma de controle do indivíduo na sociedade moderna.

A análise de Foucault (1999), aplicada para o campo de pesquisa apresentada neste artigo, mostra a concepção de controle do corpo por parte do Estado e do sistema prisional. Embora não seja o escopo deste artigo, vale ressaltar que esta reflexão estimula a pensar que os espaços do bairro também têm um código disciplinar e envolvem relações de poder, principalmente quando se trata das brigas de grupos rivais. Os moradores dos dois bairros envolvidos no conflito é que são os vigilantes dos sujeitos proibidos de atravessar a fronteira, onde a arma é um instrumento de poder e de controle, nos limites entre Tamarindo e “Pintolemos”. Atrás da Estação Juventude se encontra a avenida, onde são feitas as diversas demarcações entre Tamarindo e “Pintolemos” e onde há brigas de gangues, descritas pelos moradores.

D. Ana é aposentada e moradora em um ponto do bairro que fica próximo à divisa entre Tamarindo “Pintolemos”. A região denominada Pintolemos não pode ser frequentada por muitos dos adolescentes e jovens do bairro Tamarindo, como já visto. Dona Ana presencia, junto com outros moradores vizinhos, os xingamentos e troca de tiros na fronteira entre os bairros. Baseada nestas vivências e na dinâmica dos grupos rivais entre Tamarindo e “Pintolemos”, descreve o ponto que divide os dois e como os jovens agem no local:

Tem um pé de pau lá na avenida e eles dizem que o pé de pau é a fronteira, pra lá é Pintolemos e pra cá é Tamarindo, mas tudo é Tamarindo. Pra lá é a Pintolemos, mas eles já dizem que o pé de pau é a fronteira [risos]...Tem dia que tem quatro, cinco turma acolá, e vem aqueles carros de polícia fica por lá, e as meninas dizem, êita, a polícia tá lá na fronteira [risos]. Eles ficam na fronteira para fazer questão, os de lá intima com os daqui. Os daqui intima com os de lá, as vezes dá tiro, dá tudo, até que agora tá calmo porque a polícia agora tá aí direto e levando eles. (Entrevista realizada dia 06 de agosto de 2014).

Na dinâmica que envolve os conflitos entre grupos rivais, percebe-se que as punições e o controle sobre os corpos levam ao crime de morte. Os corpos desses jovens acabam adquirindo valor com a criminalidade, quando são identificados como perigosos. Consequentemente, são controlados e vigiados pelos seus inimigos, dando a eles uma forma de poder. A criminalidade não apenas estigmatiza, mas também exalta a personalidade valente e corajosa dos sujeitos que praticam atos violentos. Para Franco (1997), a violência se sobressai como padrão de comportamento correspondendo a um sistema de valores centrados na coragem pessoal e como um modelo socialmente válido de conduta.



A violência se legitima não apenas pela ação desses grupos no bairro, mas também pelo próprio contexto social, sendo configurada como um modelo válido de conduta, onde o corpo deve ser controlado e disciplinado. A violência é permeada por um complexo de símbolos e sentidos que envolvem o poder. Foucault (1999) não considera o poder como uma realidade que possui uma natureza, não existindo assim um único poder, mas várias formas em constante transformação, o que permite uma classificação do poder como uma prática social construída historicamente. O autor estuda o poder, não como uma dominação global e centralizada que se pluraliza, mas sim como tendo existência própria. O poder, portanto, não tem um lugar próprio, nem é domínio de um ente especializado, mas se expressa em qualquer lugar e por qualquer um que o exerça.

Na perspectiva de Franco (1997), a violência está expressa nas relações comunitárias, em que, além do conflito presente, está expressa a ruptura, tensão e a luta comunitária. O bairro Tamarindo está exposto a conflitos pela rivalidade construída, mas também pela legitimação do conflito nas relações comunitárias. Esta legitimação do conflito é expressa na punição dos jovens, usando o corpo destes como um instrumento de sanção e moralidade, sustentada em código estabelecido nas relações cotidianas dos moradores.

A própria condição juvenil é formada nas diferentes esferas espaciais de sociabilidade no bairro. Entretanto, o modo de ser e agir está ligado ao espaço, na perspectiva de que a juventude é uma construção social permeada não apenas por fatores biológicos. A juventude vive em uma dinamicidade espacial e experimenta os diferentes espaços sociais, além desses jovens possuírem uma identidade que se pauta em um conjunto de valores, sob o olhar do outro e é territorializada no bairro. Na visão dos familiares entrevistados, os jovens, pelo menos no início, em função da pouca idade, sempre são “levados” pelos outros para fazer algo reprovável socialmente. O que mostra uma tentativa de classificação geracional que estabelece uma espécie de hierarquia moral da maturidade. Sugerem que se “perderam” em função da pouca idade e falta de experiência com a vida, o que poderia não ser possível se não fossem tão jovens. Esta narrativa também aponta para um conflito geracional comum em nossa sociedade, associando a juventude a espíritos ainda em formação e inexperientes, no sistema de classificação de seus parentes consanguíneos ascendentes, como pais, mães ou avós, que se consideram mais maduros.

Os conflitos e as mortes que acontecem no Tamarindo e em outros bairros de Sobral geram uma pauta de discussão dos próprios moradores e da mídia, nos sites de notícias da cidade. No noticiário, está sempre presente a morte de jovens. Todavia, não está expresso, nessas notícias, o sentido que esses atos possuem, mostrando sempre o discurso do uso de



drogas e brigas entre gangues, ou seja, um retrato estereotipado dessa situação e dos sujeitos envolvidos, criando uma sensação denominada por Jock Young (*apud* MACHADO, 2004), chamaria de pânico moral. O autor trata o conceito como efeito em espiral, de forma de comunicação midiática, sustentada por vários grupos sociais na cidade, que criam um discurso sobre a violência a partir de generalizações e estereótipos. A ideia é de que, grupos de determinadas pessoas ou certas regiões da cidade são ameaças aos interesses coletivos. O bairro Tamarindo, por exemplo, seria apresentado, pelos meios de comunicação de massa, de forma a estimular o discurso de que se deve criar barreiras sociais e morais fortes, para evitar que a população sobrepuje a violência vinda de lá, provocando reações que generalizam as práticas violentas a qualquer um que more naquele lugar⁸. A imagem de lugar de práticas reprováveis vai gerar demandas por falas de especialistas, criação de políticas públicas, dentre outras técnicas sociais para “prevenir” sua disseminação para outros lugares da cidade.

Como sugere Wyllys (2015), há uma espetacularização da violência por parte dos meios de comunicação de massa, seja rádio, seja blogs na internet, dentre outros. As notícias sustentam que a violência está aumentando, subentendendo que a matéria publicada também serve de aviso para as possibilidades de ataque que o morador da cidade pode sofrer. O apelo é sempre por soluções emergentes e radicais para acabar com o problema exacerbado pela notícia, em busca de uma paz social. Este investimento na formação de consciências sobre o problema sério da violência, relacionado a um lugar próprio, geralmente, bairros da periferia da cidade, provoca reações também nos moradores neste sentido que, mesmo sendo moradores, evitam certos lugares e pessoas do bairro. Estas notícias fomentam a indústria de rumores, fofocas e criam uma rede de comunicação cheia de ruídos e desorganizada, que acaba estimulando exageros e distorções sensacionalistas do problema, projetando recorrências que fazem as pessoas pensarem previsões convencionadas pelo medo. Fomentam também estereótipos negativos de determinadas pessoas que são classificadas e qualificadas como marginais e perigosas, em razão de seu lugar de moradia. Isso pode acontecer de diferentes formas, criando fronteiras que colocam “eles” contra “nós”.

Como pode ser visto aqui, a juventude e a violência no bairro Tamarindo estão articuladas a um leque de possibilidades e de conexões espaciais, e vão para além do uso de drogas, assaltos e brigas de gangues. É uma construção tensa de identidade complexa que é

⁸ Um exemplo do que se fala está no link: <http://estadoviolento.blogspot.com.br/2014/01/em-sobral-cea-bruxa-anda-soltadeitaram.html>, acesso em dezembro de 2014.



construída socialmente e adquire traços de visibilidade. Esses traços são envolvidos por significações de caráter social, cultural e político.

As agências individuais dos jovens, no sentido de defesa violenta do território, de fato devem ser compreendidas também como um investimento de imposição de sentido para o lugar que ganha uma propriedade especial, relacionada à identificação do grupo, ganhando um nome próprio, como é o caso do Pintolemos ou Tamarindo. Nome este que, como visto, tem influência da denominação dada pela gestão pública da cidade, mas ao mesmo tempo, não é exatamente correspondente aos contornos físicos delimitados pela prefeitura. O território nomeado e defendido tem adesão e companhia de parceiros que compartilham códigos e regras próprias de identificação, que passa também pelo uso do corpo vinculado ao território. A simbologia usada, os códigos de classificação social, as marcas territoriais no corpo são violência simbólica e nos episódios de violência física, servem para identificar aliados e inimigos que, por sua vez, através de suas agências, buscam desterritorializações dos esforços de seus oponentes. O território, portanto, é movimento, exatamente em função dos esforços de desterritorialização dos oponentes, procurando expansões.

Para Deleuze, não há território sem um vetor de saída dele, ao mesmo tempo que se busca a territorialização em outros lugares ou de outras formas. Ao se defender no território desejado, esta agência anuncia especificidades ou particularidades do grupo, relacionando estas marcas de distinção em agências do desejo sobre o território e sua identificação peculiar, tentando ampliar sua potência, causando movimento, no sentido da consolidação da rede de relações pessoais, objetos, instituições, instrumentos e discursos, visando a consolidação do território, que por sua vez, sofre pressões dos grupos oponentes. A adesão das pessoas, tomando partido por determinado grupo, especialmente quando envolve parentes, parece ser ambígua. Falam de uma agenda negativa provocada pelas condições sociais e culturais relacionadas à violência, onde seu parente é vítima, deslocando a responsabilidade do indivíduo envolvido pela escolha do lugar que ocupa. Ao mesmo tempo, o lamento pela situação que leva o jovem à circunstância de conflito com a lei, aciona um sentimento de pesar e de “não tem mais jeito”. Em muitos casos, estes jovens tendem a se afastar dos parentes, como dito em alguns depoimentos. Os parentes não sabem bem o que de fato estes jovens fazem, mas sabem que isso tem repercussões, não apenas na vida destes, classificados como “marginalizados”, mas também em suas vidas como parentes.

Neste aspecto, a colaboração deste artigo foi explicitar e complexificar visões simplistas sobre o tema e refletir sobre aspectos pouco considerados pelas notícias, que geralmente são repassadas pela população da cidade, sobre o tema aqui proposto. Outra



colaboração foi mostrar o movimento que fortalece e enfraquece a rede de relações entre pessoas e seus territórios, via desterritorialização, mostrando as dinâmicas culturais dos conflitos e tensões violentas, na busca pela apropriação do lugar.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio A. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora UNICAMP. São paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. in.: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Morais (org.). **Usos & Abusos da história oral**. 3ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
DAYREL, Juez. **A escola faz as juventudes**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100> pdf acesso em 19 de junho de 2014, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. São Paulo: ed. 34, 1997.

DUARTE, Luis Adriano. Os sentidos da comunidade: notas para um estudo sobre bairros operários e identidade cultural. **Revista de história UFC**, Fortaleza, v.1, nº 2, 2002.

FRANCO, Maria Silva de Carvalho. **Homens Livres na Ordem Escravocrata**. 4.ed. São Paulo. Fundação Editora da Unesp, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 20.ed. Petrópolis, editora vozes, 1999.

MACHADO, Carla. Pânico moral: para uma revisão do conceito. **Interações**, n. 7, p. 60-80, 2004.

PAES, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2ed., Lisboa: INCM, 2003.

PICOLLO, Fernanda Dervalhas. Particularidades e generalizações: reflexões a partir de uma pesquisa urbana entre usuários de drogas em Porto Alegre. In: **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. **Revista Mnemosine**. Vol.6, nº2, p. 2 -13, 2010.
SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In.: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. 3ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, pg.11-25, 1971.



SOARES, Luiz E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p.130-159, 2004.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1971.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 1998.

WYLLYS, Jean. Formas de temer, formas de reprimir: as relações entre a violência policial e suas representações nas mídias. In: KUCINSKI, Bernardo (et. al.). **Bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação**. 1. ed., São Paulo: Boitempo, 2015.

Sobral recebe segunda Estação da Juventude hoje. Disponível em acesso em 09-10- 2014 <http://blog.sobral.ce.gov.br/2014/03/sobral-recebe-segunda-estacao-da.html> acesso em 09-10-2014.

Em Sobral-CE, a bruxa anda solta. <http://estadoviolen.to.blogspot.com.br/2014/01/em-sobral-cea-bruxa-anda-soltadeitaram.html> , acesso em 09-10-2014.
<http://estadoviolen.to.blogspot.com.br/2014/01/em-sobral-cea-bruxa-anda-soltadeitaram.html>.